

Goldemberg muda projeto dos Ciacs

Jamil Bittar — 9/10/91

Mauren Rojahn

BRASÍLIA — Há menos de um mês no Ministério da Educação, o projeto dos Centros Integrados de Apoio à Criança (Ciacs) passou por uma faxina completa, com mudanças que vão desde a forma arquitetônica até a ampliação do direito de gestão a entidades filantrópicas. Mas a primeira providência não diz respeito a nenhum assunto educacional ou ligado à construção civil, e sim à corrupção, uma marca incômoda legada pelo Ministério da Saúde, que controlava o programa no início. Serão abertas novas licitações para a construção de fábricas de Ciacs, em substituição às concorrências regidas pelo ex-ministro Alcení Guerra e que foram consideradas irregulares pelo Tribunal de Contas da União (TCU). Além disso, prevê-se agora um melhor aproveitamento do espaço das novas escolas, com maior número de salas de aula, e o barateamento do custo de construção.

Os novos Ciacs que serão construídos na administração do ministro José Goldemberg terão biblioteca menor — o tamanho original de 400 metros quadrados foi considerado exagerado —, enquanto o número de salas de aulas passa das 12 do projeto original para 24. A cobertura dos ginásios, que continuam a fazer parte de cada Ciac, não será mais de cimento e sim de material metálico, com redução de custos de 30%.

O ministro Goldemberg, que não esconde a satisfação de ter o controle do projeto em sua pasta, é objetivo quando resume a repercussão da transferência. "Houve um certo alívio", afirma, referindo-se ao fato de que o projeto é basicamente educacional. Seu argumento é de que a situação anterior, em que o Ministério da Saúde concentrava o poder de decisão sobre o destino do principal projeto social do governo Collor, deslocava o projeto de sua vocação natural, que é a educação. Sobre as diferenças que o separam do ex-ministro da Saúde, Goldemberg prefere usar uma frase de efeito. "O mensageiro é a mensagem", reafirmando a credibilidade que julga merecer.

As mudanças programadas pelo Ministério da Educação prevêem a adaptação do projeto às condições de cada região. Para diminuir os gastos com deslocamento de material de uma região para outra, os Ciacs serão construídos com matérias-primas características de cada área. Os Ciacs da Região Amazônica, por exemplo, terão menos argamassa armada e mais madeira e tijolos, materiais produzidos no local. A diminuição do espaço reservado às bibliotecas justifica-se pela constatação de que se tratava de uma alteração radical em relação à situação atual, quando a maioria das escolas não tem qualquer espaço para leitura. Optou-se assim, como explica o ministro, pelo meio-termo.

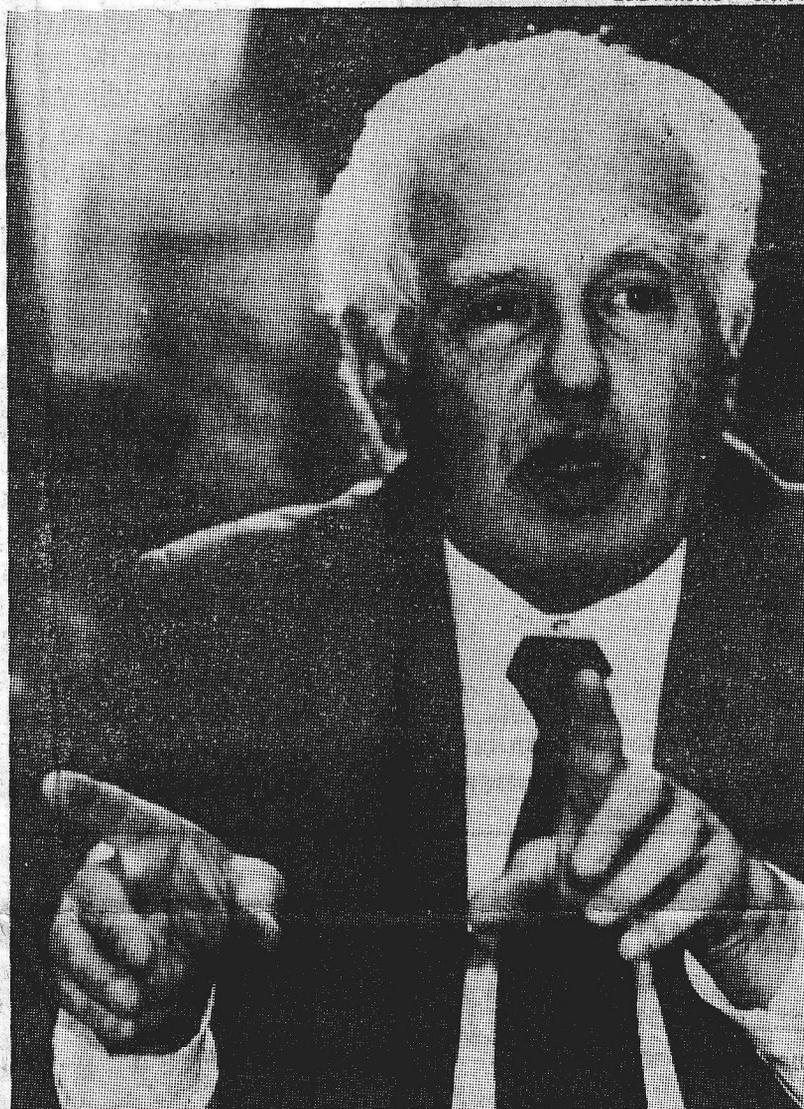
A substituição da cobertura de argamassa dos ginásios por estrutura metálica foi motivada por uma pesquisa realizada pelo grupo executivo criado há duas semanas pelo Ministério da Educação para assumir o projeto do Ciacs. Os técnicos identificaram a existência de um cartel entre os fornecedores de coberturas de cimento, o que elevava o preço do material em 30%. Pelos cálculos dos engenheiros, o uso de coberturas metálicas proporcionará uma economia de US\$ 50 mil por cada Ciac. O governo assinou convênio com a Companhia Siderúrgica Nacional para fornecer o material para a construção de novos prédios.

A troca de mãos pela qual passou o projeto não alterou a disposição do governo em sustentá-lo com prioridade desconhecida em outras áreas sociais. A ambição de Goldemberg é nada menos que dobrar os gastos atuais do país no ensino fundamental. Atualmente, o go-



Os novos Ciacs terão mais salas de aula do que o da Vila Paranoá, já inaugurado

Luiz Antônio — 5/9/91



Goldemberg: alívio por conquistar controle dos Ciacs

verno brasileiro gasta apenas US\$ 300 por ano para custear os estudos de cada aluno na rede pública. Os US\$ 600 que o ministro pretende alcançar ainda estão longe de colocar o estudante brasileiro em condições de igualdade com as crianças dos países desenvolvidos, onde se gasta pelo menos US\$ 2 mil a US\$ 3 mil anualmente por aluno.

A rigor, Goldemberg é uma espécie de primo rico no governo Collor, amarrado por um rigoroso orçamento governamental limitado pelo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Ele fala em quantias medidas em dólares com a tranquilidade de quem executa um projeto que conta com o empenho pessoal do presidente Collor. Para este ano, por exemplo, já estão garantidos os recursos para a construção de 610 Ciacs. Outros US\$ 200 milhões estão garantidos para a manutenção e ampliação da

rede de escolas públicas existentes. Essas escolas passarão por um processo que ele chama de "ceaqueização", ou seja, serão reformadas para se adaptarem ao figurino das escolas de tempo integral.

É justamente a existência de recursos para a reforma das escolas antigas que o ministro considera argumento suficiente para rebater as críticas de que os Ciacs estão sendo feitos em detrimento da rede tradicional de ensino. "As escolas antigas atendem à universalização do ensino, mas não à educação integral. Os alunos ficam amontoados em três turnos por escola", diz Goldemberg. Os Ciacs são o único caminho, segundo ele, para conter a evasão escolar que atinge 75% dos alunos da rede pública. "Os ricos já colocam seus filhos em escolas de tempo integral, só que por um preço bem mais elevado. Queremos estender também esse direito aos pobres."

Resistência ao programa diminui

Devido ao mar de denúncias que estigmatizou o projeto dos Ciacs na gestão de Alcení Guerra no Ministério da Saúde, o início da construção das escolas de tempo integral foi apenas simbólico. O esforço do ministro José Goldemberg é de demonstrar que agora o projeto sairá do papel. O ministro comemora, por exemplo, a manifestação de interesse pelos Ciacs do secretário de Cultura de São Paulo, Fernando Moraes, com quem conversou na semana passada. O prefeito de Porto Alegre, Olívio Dutra, do PT, deu sinal verde ao governo federal para instalar a primeira fábrica que construirá 200 Ciacs no Rio Grande do Sul. Em Vitória, o prefeito Vitor Buaiz, também petista, não colocou qualquer objeção à instalação de uma fábrica.

Goldemberg conta também com o apoio de entidades filantrópicas, fundações, e clubes nos moldes do Lyons e do Rotary, como alternativa para gerenciar os Ciacs. A única preocupação do ministro é que alguma prefeitura alegue falta de recursos para a manutenção das escolas, que têm custos calculados hoje em torno de Cr\$ 400 milhões ao ano.

"Contamos com a comunidade local", diz o ministro, confiando na divisão de responsabilidades entre o governo federal e os municípios na fiscalização e administração dos Ciacs. "Não vão virar ruína", assegura, ao ser perguntado sobre o processo de deterioração que aconteceu com os Ciacs no Rio de Janeiro, na administração do governador Moreira Franco. Goldemberg, aliás, evita a identificação do projeto dos Ciacs com o do governador do Rio, Leonel Brizola. "O projeto tem a face do educador Anísio Teixeira", avisa.

No dia 9, começa em Brasília o primeiro curso de gerência de Ciac, refletindo preocupação do Ministério da Educação com a escassez de profissionais qualificados nessa área. Durante dois meses, 20 pessoas aprenderão como gerenciar uma escola de tempo integral. Esse curso será futuramente ministrado em todo os estados do país, a partir da experiência-piloto de Brasília. Com tudo isso, a expectativa do ministro é de jogar por terra, de uma vez por todas, as resistências contra o projeto dos Ciacs. "Ficar contra os Ciacs é como não aceitar a Santíssima Trindade."